

No ritmo dos acordes e flechas... A cultura popular enaltecendo o carnaval do bairro de Água Fria na cidade do Recife

Bruno Maia Halley,
da Universidade Federal Fluminense
bhalleype@hotmail.com

Resumo: Compreendendo o lugar na geografia humanista como a porção do espaço marcado pela intimidade do indivíduo com o local de vivência; e o bairro como uma realidade social de elevada magnitude sobre o qual se assenta o conteúdo concreto da existência, o presente texto busca desvendar a ligação afetiva do indivíduo com o lugar. Tomando como foco de análise os moradores do bairro de Água Fria (Recife-PE) no contexto de suas agremiações de cultura popular que enaltecem no interior da unidade um enredo identitário, marcado pelo envolvimento mútuo entre as pessoas em sintomáticos laços topofílicos de parentesco, vizinhança e compadrio.

Palavras-chave: Lugar; bairro; Água Fria; identidade; geografia humanista.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No âmbito da área setentrional do Recife, mais precisamente no âmagu do bairro de Água Fria, o indivíduo ao caminhar pelos becos, ruas e avenidas do bairro, depara-se com um cabedal de experiências vividas. É o burburinho das ruas repletas por feirantes e comerciantes, o fluxo de pessoas e veículos circulando, as celebrações e comemorações especiais (as procissões, o carnaval, as festas juninas, etc.), o diálogo frequente nos pequenos negócios (mercearias e vendas), os acenos das pessoas que cruzam umas com as outras... Enfim as diversas manifestações existentes nos endereços centrais do bairro, reconhecidos como lugares do encontro, da festa, do comércio e da brincadeira. É também o lugar da diversidade de ocupações habitacionais, comerciais, de prestação de serviços ou de lazer.

Outrossim, é o lugar das agremiações de cultura popular (bois, ursos, caboclinhos, etc.), mormente espalhadas nas ruas mais intensamente

transitadas do bairro. O que conforma um enredo no interior do lugar vinculado ao ritmo dos acordes e flechas das agremiações carnavalescas, que, por sua vez, derivam suas tradições dos elementos enraizados da cultura afrodescendente.

Portanto, no bojo deste entendimento, o trabalho ora apresentado centra-se em desvendar a identidade de Água Fria à luz do enredo carnavalesco do lugar, principiando em descrever a emergência da cultura popular no bairro, para em seguida, discorrer a propósito dos caboclinhos Sete Flechas e Oxossi Pena Branca e o sentimento pertencimento dos brincantes/moradores ao lugar. Por fim, o texto descreve a partir dos ensinamentos da geografia humanista a dinâmica dos folguedos tradicionais (bois, ursos e pastoris) na vida cotidiana do bairro, mostrando o envolvimento dos personagens principais na trama diária de Água Fria.

NOS ENREDOS DE ÁGUA FRIA: A EMERGÊNCIA DA CULTURA POPULAR NO BAIRRO RECIFENSE

No limiar do século XX, os terreiros de cultura afrodescendentes foram sendo deslocados do centro do Recife e de sua periferia imediata rumo aos arrabaldes da cidade, sobretudo os arredores situados no interflúvio do Capibaribe e Beberibe. Nos morros, córregos e ladeiras localizados entre os bairros de Casa Amarela e Água Fria. Foram diversas as razões para esse deslocamento, conforme mostra Costa:

Algumas delas ligadas à política contra os mocambos e ao processo de expansão urbana da cidade, outras ainda vinculadas à perseguição étnico-religiosa (anos 1930), à política de “higienização” da cidade que concebia as religiões afrodescendentes como um perigo para a saúde mental e psíquica da sociedade – e a política industrial dos anos de 1950, que iria desterritorializar as camadas populares para atender às necessidades da indústria. (COSTA, 2009, p. 24)

Associado a estes fatores, nota-se que a política contra os mocambos ligada à política de modernização da cidade do Recife, iniciadas na década de 1930, foram se consolidando no decênio de 1950. Com efeito, à medida que as habitações de taipa, de folhas de flandres, iam sendo demolidas do centro do Recife, paradoxalmente outras iam sendo construídas na periferia, seguindo, assim, o deslocamento da população pobre, que continuava a migrar para o subúrbio. Subjacente a esse processo, os inúmeros terreiros,

que ainda adotavam estratégias para sua manutenção, “seguiram nas estradas desses deslocamentos, agora não somente por motivações da perseguição policial às religiões afro-brasileiras, mas por razões, como por exemplo, a demarcação de um território” (COSTA, 2009, p. 58).

Nesse contexto, vale rememorar que nos primeiros decênios do século XX, o centro do Recife passa a ser concebido ou idealizado a partir de um projeto de modernização que tinha por objetivo transformar essa área num lugar de desenvolvimento industrial, bancário e comercial. Consequentemente, a cidade fora pensada distante das construções pobres, notadamente mocambos, palhoças e casebres, estes lembrados às margens dos modelos arquitetônicos e urbanísticos da época.

Nesse sentido, as ilhas centrais passavam a ser espaços de segregação e diferença, mas que, contraditoriamente, ampliavam seus tentáculos de expansão urbana às populações de baixa renda, aos negros e mulatos dos mocambos e terreiros, que ocupavam a periferia da planície recifense, desde os anos de 1930. A propósito, sublinha Cavalcanti (1935, p. 244): “a maioria das seitas africanas está localizada Zona marginal às linhas do Beberibe e Campo Grande, arrabaldes pobres da cidade. Encruzilhada, Água Fria, Arruda, Chapéu do Sol e Fundão, por todos esses lugares se encontram terreiros. Terreiros de culto nagô, gege, xanhá com predominância de nagô”.

Contudo, em meados do século XX, esses subúrbios deixaram de ser pequenos nódulos isolados e passaram a ser continuidade do tecido urbano (PONTUAL, 2001). Por conseguinte, a periferia se transforma num espaço de territorialização dos diversos grupos sociais, especialmente dos afro-descendentes, que criaram e recriaram estratégias na tentativa de impedir o fechamento de seus terreiros, seja camuflando-se em agremiações carnavalescas, seja ocultando seus ancestrais e divindades africanas por trás dos santos católicos. Esses mecanismos possibilitaram a garantia de habitações, trabalho, e lazer, afora a realização de práticas religiosas marginalizadas pelos grupos hegemônicos da época.

Outrossim, naquele instante, primeiras décadas do século XX, o folclore pernambucano preocupava-se, enquanto campo do saber, em registrar essas práticas culturais compreendidas como meras sobrevivências dos costumes dos escravos, lembranças de um tempo passado, então fadadas ao desaparecimento. Nesse contexto, a transferência dessas práticas para o espaço do carnaval mostrava no âmbito da historiografia que os grupos afro-descendentes elaboravam estratégias, buscando encontrar saídas

para manutenção de seus costumes e ao mesmo tempo reconhecimento social. Assim, com as devidas licenças liberadas pelas delegacias de polícia, maracatus, caboclinhos e afoxés garantiram o direito de desfilerem pelas ruas durante o período momesco, e mesmo, ensaiarem suas cadências e ritmos no restante do ano.

Nessa perspectiva, em Água Fria, um dos redutos históricos de população negra recifense, várias agremiações se multiplicaram pelos morros, córregos e ladeiras do até então arrabalde. Em meados do século passado, outras foram surgindo, enquanto outras foram sendo desfeitas. Outras se deslocaram para os bairros vizinhos, e ainda outras permaneceram estimuladas pela vinda de novos migrantes imbuídos de um sentimento interiorano típico dos modos de vida passada. Nesse processo, acrescenta-se, ademais, a emergência de algumas agremiações fruto das ramificações herdadas de gerações pretéritas, que através de seus descendentes, passaram a organizar outros maracatus, troças carnavalescas, caboclinhos, afoxés, etc.

Na ordem do dia, não obstante as novas tendências associadas à cultura de massa são inúmeras as manifestações culturais ainda existentes em Água Fria. Tais manifestações possuem uma linguagem peculiar e estão diretamente relacionadas às raízes do bairro, conformando-se nas festas populares e religiosas aí realizadas. Trata-se de elementos residuais da cultura popular, que, dado o empenho dos moradores, resistem ao acelerado processo de mudanças ocorridas na cidade do Recife nos derradeiros decênios, que tendem a arrefecer ou até mesmo aniquilar os costumes e práticas da vivência local.

A sobrevivência dessas agremiações acaba por viabilizar condições para impedir a desagregação cultural de Água Fria e preservar, de certa maneira, seus enredos, sua história e ainda parte significativa de sua personalidade. As mais expressivas manifestações culturais do bairro encontram-se localizadas especialmente no coração de Água Fria. Reconfigurando a dinâmica do lugar, também marcado pelas relações sociais dimanadas da presença do mercado, da feira livre, e do Sítio de Pai Adão.

As relações sociais processadas pelas agremiações de Água Fria denotam um enredo particular na vivência coletiva do bairro, o que será revisitado a seguir à luz dos caboclinhos Sete Flexas e Oxossi Pena Branca. Agremiações tradicionais do bairro que enaltecem uma identidade local criando um sentimento de pertencimento ao lugar por aqueles que delas participam.

SETE FLECHAS E OXOSSÍ PENA BRANCA: OS CABOCLINHOS DE ÁGUA FRIA E O SENTIMENTO PERTENCIMENTO AO LUGAR

Mesmo não estando próximo desses marcos referenciais, o Caboclinho Oxossi Pena Branca, situado no Alto do Pascoal, possui um forte vínculo com a trama densa de Água Fria, palco convergente de inúmeras especificidades locais. Fundado no bairro de São José, em 17 de janeiro de 1979, o Caboclinho Oxossi Pena Branca deve sua existência ao mestre Cícero Antônio, que possuía, segundo Zuleide Alves, uma “ligação com a religião Umbanda, decidindo então render homenagem aos Caboclos dele”. Ainda de acordo com Zuleide, atual presidente da agremiação, a designação do caboclinho faz referência a duas entidades, Oxossi e Pena Branca, também simbolizadas nas suas cores oficiais: o verde simboliza a mata (Oxossi), o branco a paz (Pena Branca) e o amarelo o ouro (Oxum).¹

Após um período desativado, Dona Zuleide resolve resgatá-lo, assumindo o Caboclinho Oxossi Pena Branca em janeiro de 1993.² Como tinha apenas o estandarte, confecciona com bastante dificuldade as fantasias e os adereços para participar daquele carnaval. Contudo, nos anos seguintes, a partir do ingresso de novos componentes, conquista o vice-campeonato da folia de momo, tornando-se logo campeão no ano de 1996, quando passa ao grupo especial, categoria na qual desfila atualmente.

1. Manifestação popular originária da mescla indígena, os caboclinhos, também chamados de tribos de caboclinhos, expressam um forte sentimento de que foram eles os primeiros habitantes do Brasil. São homens, mulheres e crianças que apresentam vigorosas coreografias em ritmo marcado pelo estalido das preacas (espécie de arco-flexa). A religião está presente na manifestação por meio dos cultos indígenas, a pajelança, a religião dos antepassados. É na Jurema ou Catimbó como é popularmente conhecida, onde atua a maioria dos mestres e caboclos. Alguns grupos diferem desta linha, cultuando religiões afro-brasileiras, ligadas aos terreiros de Xangô e Umbanda. A apresentação normalmente inicia com o Porta-estandarte (podendo haver mais de um), seguido de dois Cordões de Caboclos e Caboclas. No centro o Cacique (responsável pelas coreografias) e a Cacica (ou mãe da tribo). O desfile também conta com a presença do Pajé (o curandeiro, orientador espiritual do grupo); Matruá (representa um feiticeiro); Capitão (chefe de uma das alas); Tenente (chefe da outra ala); Perós (crianças da tribo) e dos Caboclos de Baque. A indumentária é composta por atasas (de pé e mão), saiotes e tangas, confeccionada com penas (de ema e de outras aves), lantejoulas, contas, búzios, espelhos, vidrilhos, cordas e sementes. Os adereços de cabeça são bastante diversificados: cocas, capacetes, cabeleireiras, etc. O baque é composto por caracaxás, surdos e inúbia. Apresentam-se descalços (REAL, 1990).

2. Antes de liderar o Caboclinho Oxossi Pena Branca, Dona Zuleide Alves já participou da agremiação Urso Cangaçá, e seu marido, o mestre Cícero Antônio, do Batutas de Água Fria. Também fora diretora da Escola de Samba Galeria do Ritmo, no Morro da Conceição, e dirigente do Bloco Carnavalesco Após-Fum.

Composto por cerca de 120 integrantes, incluindo crianças, adolescentes e adultos, a maioria provenientes do próprio bairro de Água Fria, o caboclinho caracteriza-se no bojo de suas práticas sociais, por expressivos contatos alicerçados em laços de parentesco, vizinhança e compadrio. Segundo o relato de Dona Zuleide Alves:

A gente trabalha com a comunidade... Questão de piquenique, bingo... E a comunidade participa do caboclinho, os próprios componentes são eles que bordam a própria roupa, eu dou o tecido, e eles dão a mão-de-obra. São meus filhos, amigos e vizinhos aqui mesmo do bairro (Dona Zuleide Alves, presidente do Caboclinho Oxossi Pena Branca e moradora de Água Fria há 30 anos).

No Alto do Pascoal, mas precisamente na Rua Elza, funciona a sede do caboclinho e a residência de Dona Zuleide, onde ocorrem também os ensaios e a produção de fantasias confeccionadas pelos próprios “brincantes”. De acordo com suas palavras, os ensaios acontecem “todos os sábados aqui no bairro, junto com as pessoas daqui... Tudo é com a raiz do povo daqui”.

Esses laços tornam-se mais fortalecidos com a proximidade da folia de momo. Os ensaios se multiplicam, estreitando os contatos sociais em torno da agremiação. O caboclinho (Figura 01) se apresenta no centro da cidade, nas passarelas erguidas na Avenida Dantas Barreto e na Rua da Concórdia. Em Água Fria, exhibi-se nas proximidades do mercado público, onde é montado um palco para a apresentação e desfile das várias agremiações ali existentes. Segundo Dona Zuleide: “em Água Fria a gente passa (o caboclinho) pra dar uma satisfação aos moradores. Por morar aqui, por viver aqui, temos esse vínculo, essa obrigação!”. O que demonstra, assim, uma identificação das pessoas com o lugar, onde constroem relações interpessoais, às vezes duradouras e profundas, sem que por isso as relações sociais que passam pela consciência histórica de pertencimento ao bairro sejam questionadas.

É desse modo que os moradores apreendem o bairro de Água Fria: um lugar de vivência íntima onde reproduzem parte de sua existência cotidiana. Outrossim, para os moradores de Água Fria, o bairro caracteriza-se por suas múltiplas atividades culturais, ou como prefere Dona Zuleide, “pelo presença constante da cultura”. Pois,

[...] no nosso bairro, nós somos ricos de cultura. Tem sempre um boi, um bumba-meu-boi, um maracatu, um clube, uma troça... Caboclinho nem se fala, escola de samba... Quer dizer, nós do bairro de Água Fria somos ricos

por esse motivo, pois é tudo uma junção, tudo perto um do outro, e você tem de tudo e quem ganha é o bairro. (Dona Zuleide Alves)

O depoimento acima respalda o lugar como “o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (SANTOS, 2004, p. 322). E mais, a narrativa da moradora referente à “junção”, o “tudo perto do outro”, representa a essência do coração do bairro. Ou seja, a importância conferida à trama densa do lugar, que se encontra investida por inúmeras construções, marcos referenciais, atividades econômicas, religiosas e sócio-culturais. Assim, na concepção de Dona Zuleide ela “[...] abrange tudo. Não desmerecendo outros bairros, mas o centro de Água Fria é melhor. Pra onde você for têm farmácias, mercado, feira livre... Não há necessidade de você ir pra outro bairro pra comprar alguma coisa, pois em Água Fria tem de tudo... Não precisa se preocupar”.



Figura 01: Caboclinho Oxossi Pena Branca, bairro de Água Fria.
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, fevereiro de 2009.

No bojo dessa preferência afetiva, calcada na aproximação do indivíduo ao lugar de moradia, lazer e trabalho, há que se ressaltar também o sentido religioso existente nas agremiações voltadas à “brincadeira” do caboclinho. No Oxossi Pena Branca, como em outros, percebe-se o vínculo com as tradições da cultura afro-descendente, notadamente as práticas religiosas desenvolvidas em torno do caboclo homenageado. A propósito, vale conferir o relato de Dona Zuleide:

Todas as pessoas que tem caboclinho têm lá a “cidadezinha” do caboclo, a estátua do caboclo, mas isso é uma coisa que não pode ficar mostrando. Nisso eu concordo em não mostrar. Mas em falar que existe, eu não vejo nada demais, pois é uma coisa que acontece... Pra você vê, tem treino aqui mesmo, ou em qualquer outro caboclinho, quando o treino começa as próprias pessoas recebem o caboclo ou em qualquer outro canto... Quando vê tá o menino com aquela entidade. (Dona Zuleide Alves)

São práticas e costumes religiosos intrínsecos aos adeptos dos cultos afro-descendentes. Nesse sentido, faz-se importante registrar também à presença em Água Fria do Caboclinho Sete Flechas, do fundador, figurinista e presidente Sr. José Severino dos Santos (Figura 02). A história da agremiação tem seu início na cidade de Maceió, num terreiro de Umbanda: “naquela brincadeira de chamar caboclo eu recebi Sete Flechas, fiquei gostando e lá eu consegui colocar o clube na passarela em 1969”, rememora o mestre de Água Fria.³ Em 1970, Seu Zé Alfaiate, como é mais conhecido, retorna para Pernambuco e aqui o registra em 7 de setembro de 1971.

Contando com cerca de 100 participantes, provenientes do próprio bairro de Água Fria e de comunidades do entorno, grande parte de seus integrantes são jovens e crianças. Destaca-se no Carnaval do Recife pelo luxo de suas fantasias e pelas vigorosas coreografias, ensaiadas e “puxadas” por Paulo Sérgio dos Santos, o conhecido Paulinho (filho de Mestre Alfaiate). Já se apresentou em diversos estados do país, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais, afora em países no exterior, quando viajou para a França em 2005 e 2006.

O Caboclinho Sete Flechas possui diversos títulos conquistados no concurso de agremiações carnavalescas, sendo os últimos triunfos alcançados em 2003 e 2005 da primeira categoria e vice-campeão do grupo especial em

3. Ainda sobre o caboclo da tribo, acrescenta Mestre Alfaiate: “sempre peço ajuda ao caboclo Sete Flechas, que tome conta da tribo, porque esse grupo não é meu, é do caboclo. E sempre eu dou a ele sete qualidade de fruta e sete bifés, mel, acendo o ponto dele e ele me atende”.

2006, e campeão em 2010. Possui como cores oficiais o verde, o vermelho, o azul e o amarelo, representando respectivamente a mata, a guerra, a paz e o sol. A sede da agremiação localiza-se no lendário Beco da Beliscada (Travessa Dowsley), situado nas cercanias do antigo Chapéu do Sol entre a Avenida Beberibe e a Estrada Velha de Água Fria. Segundo Paulinho, os treinos são realizados “aqui mesmo, no Beco da Beliscada. Fecha a rua, coloca os cavaletes da prefeitura e a gente ensaia. Durante o carnaval nós ensaiamos na Avenida Beberibe” (Paulo Sérgio dos Santos, morador de Água Fria há 38 anos).



Figura 02: Seu José Severino dos Santos (Mestre Alfiate) na Sede do Caboclinho Sete Flechas no Beco da Beliscada, Água Fria.

Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, junho 2010.

Comenta ainda Paulinho que durante os treinos (Figura 03) a população do bairro vem assistir, aplaudir e incentivar. “De vez em quando, também vem o Antônio Carlos Nóbrega (o músico e ator pernambucano), Ariano Sussuana (o escritor) e João Paulo (ex-prefeito do Recife). O governador Eduardo Campos também já veio... Isto aqui é considerado o maior Patrimônio Vivo!”. O coreógrafo refere-se ao registro conquistado pela Tribo Sete Flechas, no início de 2009, de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco. Indicado aos tradicionais grupos que dedicaram sua trajetória à cultura popular. A

exemplo do caboclinho do mestre Alfaiate, que segundo seu filho, possui “87 anos, sendo 77 só de cultura!”.

Ele gosta tanto do caboclinho que a única casa que ele tinha, ele vendeu para colocar no caboclinho e até hoje não recuperou. Hoje ele recebe um benefício no valor de R\$ 510,00. Entrega para minha mãe R\$ 100,00 para fazer a feira, os outros R\$ 410,00, ele gasta no caboclinho (Paulo Sérgio dos Santos).⁴Paulinho ressalta também a importância conferida ao bairro de Água Fria no contexto das manifestações culturais, exaltando que o mesmo é “um bairro que respira cultura”, pois “temos caboclinho, ciranda, urso, boi, coco, maracatu rural, maracatu baque solto... Tudo isto no bairro de Água Fria. Só aqui têm quatro caboclinhos: Sete Flechas aqui, tem dois na Bomba do Hemérito, e tem um no Alto do Pascoal, o do Oxossi Pena Branca”.



Figura 03: Ensaio do Caboclinho Sete Flechas, Água Fria (Cacique Paulinho de bermuda branca no Beco da Beslicada).

Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, 2010.

4. Cabe ressaltar que o Caboclinho Sete Flechas ao integrar o Registro de Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco (Lei Nº 12. 196), obteve o direito de receber mensalmente uma bolsa de incentivo (R\$ 1.700,00), a qual perdurará, segundo a lei, enquanto o grupo existir.

À luz desse contexto, o coreógrafo, morador do Beco da Beliscada, e seu pai, principal referência do carnaval de Água Fria, imbuídos de um sentimento de pertencimento, expressam uma forte identidade com o bairro. Construída cotidianamente não só a partir do caboclinho, mas também das práticas mais singelas estabelecidas por ambos no bairro, como a conversa e o descanso na cadeira de balanço na calçada, o jogo de cartas e /ou dominó, a pelada aos domingos, o andar por suas ruas...

Eu adoro isso aqui! Eu fui criado aqui. Aqui tudo o que você quer encontra. É um bairro bom de morar. Se você que ir no mercadinho fazer uma feira, você faz e encontra de tudo. Faz compras de verduras, legumes... Tudo é perto. Pra mim é um bairro bom, eu gosto. (Paulo Sérgio dos Santos)

Estou aqui há muitos anos. Peguei até o tempo dos bondes. Vendia balas de mel. Eu morava de frente ao comissariado de polícia, onde hoje se encontra os Correios. Aqui em Água Fria sempre fui alfaiate, tive alfaiataria. Trabalhei em São Paulo, trabalhei em Minas, no Rio. Trabalhei em Araruna e Maceió. E depois montei meu caboclinho e voltei à Água Fria, para meu lugar de sempre. (Seu José Severino dos Santos, presidente do Caboclinho Sete Flechas)

Ancorado nesses depoimentos ressalta-se que “para a formação da identidade do lugar a relação entre a pessoa e toda a sua aura que a envolve é essencial” (MELLO, 2000, p. 124). Pois, as diversões e compromissos no espaço coletivo, a respeitabilidade e a convivência em pontos diferentes do seu tecido, despertam uma sensação de apego, pertencimento e filiação ao bairro no qual se habita. Essa sensação também é compartilhada no âmbito de outras agremiações, especialmente àquelas ligadas aos folguedos tradicionais situados no coração do bairro de Água Fria.

BOIS, URSOS E PASTORIS: OS FOLGUEDOS TRADICIONAIS NO CORAÇÃO DO BAIRRO

No contexto das agremiações de cultura popular de Água Fria, há que se destacar, além dos caboclinhos, a existência do lendário Boi Teimozo, fundado por Nelson José dos Santos, grande mestre de bumba-meu-boi, no dia 12 de fevereiro de 1946. Inicialmente, Seu Nelson dos Santos organizou o Boi Mimoso no bairro da Torre; e depois de ter brincado no Boi Misterioso do Capitão Antônio Pereira é incentivado a criar o Boi Teimozo, no bairro de Água Fria, onde residiu por mais de quatro décadas. Grande referência dos festejos natalinos e carnavalescos do Recife, o Boi Teimozo acumula dezenas

de conquistas e títulos oriundos dos concursos da folia de momo. Apresentou-se em várias cidades de Pernambuco e de outros Estados, inclusive em Brasília na década de 1950. Seu Nelson dos Santos, além de ter discorrido sobre os seus saberes e do seu “brinquedo” nos diversos congressos nacionais e internacionais, atuou nos filmes Riacho de Sangue e Canto do Mar, o que contribuiu para a visibilidade da agremiação no contexto nacional.

Com o seu falecimento, em 2006, sua esposa Dona Marina Ferreira (Figura 04), assume a liderança do grupo, dando continuidade ao legado deixado por um artista que dedicou sua vida à “brincadeira do boi”⁵, mantendo vivas a beleza e a simplicidade de uma agremiação que sempre abrilhantou o carnaval do bairro, e, por conseguinte, da cidade do Recife. Atualmente, Dona Marina reside no Alto do Pascoal, numa casa humilde de aparência antiga. Possui 73 anos, é católica, mas já frequentou por muito tempo o terreiro de Pai Adão, onde ela diz ter recebido a entidade do marido falecido. “Sou católica, mas também já frequentei o Xangô. Eu ia muito ao Sítio de Pai Adão, mas depois que meu velho morreu não vou mais. Todas as manhãs ele me chamava depois de morto”, afirma Dona Marina Ferreira.

Embora seu boi tenha sido campeão em inúmeras vezes no carnaval, a agremiação não possui sede própria (Figura 04). Consequentemente, as fantasias e adereços são alojados na residência da responsável. Onde também são realizados os ensaios da agremiação às vésperas do carnaval: “Quando é perto do carnaval chamo os meninos. Aí eu junto eles e ensino dias antes da brincadeira. Quase todos já sabem como é. E minha filha de criação (Severina Ferreira) ensina também. Ela que irá tomar conta um dia, e quem é o capitão do boi é meu compadre Emegídio” (Dona Marina Ferreira).

Nota-se, portanto, que no bojo dessas agremiações culturais, a tradição popular é transmitida por gerações e gerações, constituindo uma herança cultural marcada por sintomáticas relações formadoras de um

5. A “brincadeira” do Boi aparece no carnaval do Recife como uma forma derivada do Bumba-meu-boi, auto de Natal que representa a morte e a ressurreição do Boi. Os Bois de carnaval são caracterizados pela simplicidade, improviso e irreverência, e levam para rua uma grande variedade de personagens, classificadas como *humanas*, *animais* e *fantásticas*. Algumas são indispensáveis, como o Capitão Mateus, Bastião, Catirina, Doutor, Padre, Arlequim, o Boi a Ema, a Burrinha, o Babau, o Jaraguá, o Diabo, o Morto-carregando-o-vivo, a Caipora, e o Mané Pequinino. Diferentemente do Bumba-meu-boi ou Boi de Terreiro, o Boi do carnaval traz a avenida apenas o cortejo dos personagens. No desfile, os bois normalmente trazem estandartes ou faixas com uma mensagem ou com um tema. Alguns grupos apresentam alas e cordões (de pastorinhas, de baianas, de caboclos, etc.), mas também há agremiações em que os personagens desfilam livremente. A orquestra é formada por dois bombos, ganzá, gonguê, reco-reco. Quem tira as loas é o tirador ou cantadeira, e as músicas podem ser composta para o desfile ou improvisadas (REAL, 1990).

referencial cotidiano na vida de uma determinada família. Em Água Fria, a família de Dona Marina Ferreira é identificada como a “Família do Boi” (Figura 05), fruto da forte ligação dos indivíduos com a agremiação popular, e destes com o bairro. O que pode ser atestado no depoimento de Dona Marina.

Eu gosto muito de morar aqui. Aqui tem de tudo. E foi aqui que fiz minha vida. Criei meus filhos e netos dentro da “família do boi”. E é aqui onde eu vou morrer e irei me enterrar... Água Fria, onde tudo que se procura tem! Tudo aqui é uma Família! Todos são unidos, porque um sente o outro. (Dona Marina Ferreira, presidente do Boi Teimozo e moradora de Água Fria há 57 anos)

O relato de Dona Marina calcado nas suas experiências vividas em Água Fria, além de envolvente, confirma a idéia de uma construção histórica ao sentido de lugar. Construção “tecida por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a constituição de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizatória que produz a identidade-lugar” (CARLOS, 1996, p. 30). Isto só acontece no âmbito do bairro, a referência que o usuário tem de pertencimento ao lugar – seu ponto de partida e chegada na ampla estrutura do espaço.



Figura 04: Dona Marina Ferreira e os Troféus e Placas do Boi Teimozo no Alto do Pascoal (bairro de Água Fria).

Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Janeiro de 2010.

Outra agremiação encontrada em Água Fria diz respeito ao Pastoril Estrela Brilhante, fundado em dezembro de 1958, no Alto do Pascoal, por Maria das Neves da Silva, conhecida por Dona Dengosa. No ano de 1985, já debilitada com o avanço da idade, passa a liderança do “brinquedo” para sua filha Maria Cristina de Andrade, mais lembrada como Dona Dinda. Com o falecimento de Dona Dengosa, no ano de 1995, Cristina Andrade torna-se a única responsável pelo Pastoril Estrela Brilhante, que continua animando e enchendo de beleza os festejos natalinos da cidade do Recife.

Desse mesmo processo, tem-se também a conformação da Ciranda da Dengosa, outra agremiação do bairro criada por Maria das Neves, e herdada por Cristina Andrade. A formação da ciranda como do pastoril⁶ possibilitou ao longo dos anos um maior envolvimento de Dona Dinda com a Água Fria, lócus principal de suas experiências cotidianas. Nesse sentido, vale conferir sua narrativa, quando indagada a propósito da satisfação em morar no bairro.

Água Fria é meu quintal. Adoro isto aqui. Nasci e me criei aqui. Conheço todo mundo e ensaio minhas meninas aqui ao lado. O pessoal gosta do pastoril. São as pessoas daqui que participam. E daqui eu sigo para outros lugares. Já me apresentei em teatros, na Praça da República, no Pátio de São Pedro, pelo interior... (Dona Cristina Andrade, Presidente do Pastoril Estrela Brilhante, Urso Cangaçá, Ciranda da Dengosa e Moradora de Água Fria há 55 anos)

No carnaval, Dona Dinda também é responsável pelo Urso Cangaçá, que fora fundado em 3 de janeiro de 1983 por Johnson Arcanjo, João Eugênio e Zuleide Alves. O nome Cangaçá deriva do cangaço e significa coisa velha, tranqueiras. Lembrando, assim, o aspecto inicial da agremiação que “brincava” nos endereços suburbanos de Água Fria, com roupas maltrapilhas, ao som de batidas de latas e coros de meninos.⁷

6. O Pastoril nordestino caracteriza-se pela divisão das pastoras em dois cordões, o azul e o encarnado, e pela presença da moderadora Diana, que se veste metade de uma, metade de outra cor. Os pastoris atuais conservam a disposição dos personagens em cordões, mas já não representam um drama. Desenvolvem-se em jornadas (cenas) soltas, uma ou outra com alguma coisa de teatral. Segundo Carneiro (1974, p. 177/178) “os bailes pastoris são, ou foram, obra de obscuros e anônimos beletristas dados às coisas populares. São de apresentação a bem dizer familiar. Servem-se de personagens que nem sempre repetem o das pastorinhas e pastoris, mas que pertencem ao mesmo gênero, e organizam melhor a atuação deles. O baile pastoril em geral não trata diretamente do nascimento de Cristo, mas habitualmente a ação termina com chegada de alguém que convida os personagens a adorá-lo em Belém”

7. Ali próximo, no Alto do Pascoal, também existe o Clube de Boneco Seu Malaquias. Fundado nos anos de 1940, na cidade de Carpina, Zona da Mata Norte de Pernambuco, o Clube de Boneco nasceu como uma troça. A ideia de fundar a agremiação foi de Antônio Ramos de Oliveira, conhecido popularmente por Seu Maracujá, que registrou o boneco em 27 de agosto de 1954. O nome foi

Em 1996, Cristina Andrade, atual presidente do urso, resolve assumi-lo, revigorando um “brinquedo” que estava prestes a se acabar. A partir de então, com a ajuda da comunidade, de artistas e amigos, consegue que o Urso seja vice-campeão, mantendo a posição por vários anos até 2006, quando passa para o grupo especial, no qual torna-se bicampeão (2006/2007). Durante a folia de momo, a agremiação desfila com o seguinte enredo: o urso entra na avenida amarrado por uma corrente, sendo conduzindo por um caçador. Atrás, vem um italiano querendo, em vão, comprar o animal com uma pasta cheia de dinheiro.⁸ Na frente dos personagens vem o abre-alas e atrás uma orquestra composta por 10 músicos, além dos cordões de fantasiados. Segundo Dona Dinda:

As pessoas que participam comigo são sempre as mesmas. São meus vizinhos, meus parentes, meus amigos. O pessoal aqui é muito gentil comigo. Quando sai o pastoril é tudo por minha conta. Dou um agrado pra cada um. Não posso dizer que pago, porque o valor seria alto. Mas um agrado eu dou, uns R\$ 10,00, e mais um lanche. (Dona Cristina Andrade)

O Urso Cangaçá, além dos elementos tradicionais, apresenta em seu conjunto a inovação, a força e a beleza de seus vários “brincantes”, incluindo crianças, adultos e idosos. Está presente na programação oficial do carnaval do Recife, especialmente no concurso de agremiações carnavalescas e do encontro de Urso e Bois no Pátio de São Pedro (bairro de Santo Antônio), além de ser convidado a se apresentar, inclusive, em outros momentos festivos da cidade.

escolhido em função de uma pessoa com estatura elevada que existia na região e era chamada Malaquias. Em 1959, quando da mudança de Seu Maracujá para o bairro de Águas Compridas, Olinda, a sede do falecimento do seu primeiro diretor (Maracujá), assume a presidência do “brinquedo”, seu filho José Ramos de Oliveira, mais conhecido como Zezinho de Malaquias, que decide mudar o estatuto da Agremiação de Troça para Clube de Boneco. A agremiação tem como símbolo um boneco gigante (Seu Malaquias) que pesa em torno de quarenta quilos e traz como cores oficiais o vermelho e o branco, decorrente ao orixá xangô.

8. Inicialmente a “brincadeira” do urso se caracteriza apenas pela presença de um homem fantasiado de urso, pelo italiano ou domador e pelo caçador, acompanhados de alguns músicos. Até hoje, quando se pensa em La Ursa, denominação popular da “brincadeira”, é comum imaginar crianças a brincar nas ruas durante o carnaval, batendo latas, puxando alguém fantasiado de urso e gritando “A La Ursa quer dinheiro, quem não dá é piranguero”. As músicas são cantadas por um coral, normalmente em ritmo de marchinhas, xotes, baiões, polcas, xaxados, com letras que podem falar da própria “brincadeira”, do tema que o Urso traz para a avenida ou ainda canções de duplo sentido associando o Urso à figura de um amante. Os principais instrumentos da orquestra são: sanfona, triângulo, pandeiro, reco-reco, violão, tarol e surdo, podendo incluir cavaquinho, banjo e ganzá (ARAÚJO, 1996).



Figura 05: Boi Teimozo nas Ruas de Água Fria, Carnaval 2010.
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Fevereiro de 2010.

Mesmo não se apresentando no centro de Água Fria, Dona Dinda ensaia seu pastoril (Figura 06), ciranda e urso nas ruas densamente povoadas do coração do bairro. Deixando evidente que malgrado a intensificação das relações sociais além dos limites do lugar, este ainda é um lócus das relações cotidianas dos seus moradores. Nessa perspectiva, exalta Dona Dinda:

Adoro Água Fria! Já morei no Alto do Pascoal, mas desci o morro para morar aqui perto do mercado. Aqui é mais perto de tudo. Tem ônibus, a feira, o mercado... Aqui é tudo mais fácil, até para ensaiar as meninas... Não saio daqui nunca! (Dona Cristina Andrade)

O enraizamento dessas agremiações no âmago de Água Fria vincula-se às condições de existência de seus produtores e usuários, integrantes dos vários segmentos e estratos sociais que compõem o bairro. O que significa dizer que uma população variada de baixo poder aquisitivo possui no interior do lugar um universo cultural rico e múltiplo. Particularidade que está ligada a suas raízes e ao seu universo, que, não sendo padronizado, é preservado e reconstruído pelos indivíduos.

Nessas agremiações, portanto, o morador recria suas práticas culturais e luta pela sua manutenção, mesmo que subordinada a uma ordem que visa seu aniquilamento (SILVA, 1999). Nesse sentido, a folia de momo, apesar de seu enfraquecimento nos últimos decênios, continua resistindo. Esta

sobrevivência emerge da própria necessidade que a comunidade tem de expressar sua arte, comunicar seus anseios, dores e alegrias, mantendo suas tradições culturais. Na concepção de Ecléia Bosi

Quando duas culturas se defrontam (a cultura popular e a cultura de massa), [...] como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação. Essa experiência raramente acontece fora dos pólos submissão-domínio. A cultura dominada perde os meios materiais de expressar sua originalidade. (BOSI, 1987, p.16)

Logo, as manifestações culturais existentes em Água Fria (Figura 07), cada vez mais, sofrem o arrefecimento dos seus meios materiais, incorporando novos elementos da indústria cultural de massa, como se fossem mercadorias, e não, um bem transmitido de geração a geração. Trata-se das manifestações ritmadas ao som dos trios elétricos dos inúmeros blocos carnavalescos (Seu Água Fria, o Arrastão de Folia, o Bloco do Gordo, as Biziguentas, os Dominados, Os Irresponsáveis, o Última Hora, entre outros), que interferem e reconfiguram a folia momesca tradicional, também marcada pelo som dos clarins dos clubes de frevo (Batutas de Água Fria), pelos atabaques e agogôs dos afoxés, pelos caracaxás dos caboclinhos e cirandas, e pelos tambores de corda dos maracatus do Povo do Ogunté e Bacnarê.



Figura 06: Pastoril Estrela Brilhante na Cerimônia da Queima da Lapinha (Praça da República no bairro de Santo Antônio; ao fundo o Palácio do Governo).
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, Dezembro de 2009.

A resistência desses costumes mais tradicionais no contexto de Água Fria pode ser compreendida através dos depoimentos de suas várias lideranças. Nesses relatos, observa-se os pontos semelhantes dos indivíduos no que diz respeito às suas histórias particulares, mormente ligadas às tradições de um modo de vida passada, que a despeito da associação de outras culturas, carregam consigo os aspectos comuns do lugar; as manifestações religiosas em torno dos cultos afrodescendentes; o apego e o sentimento identitário com o espaço de vivência; e os profundos laços de solidariedade existente entre os parceiros, vizinhos e parentes.

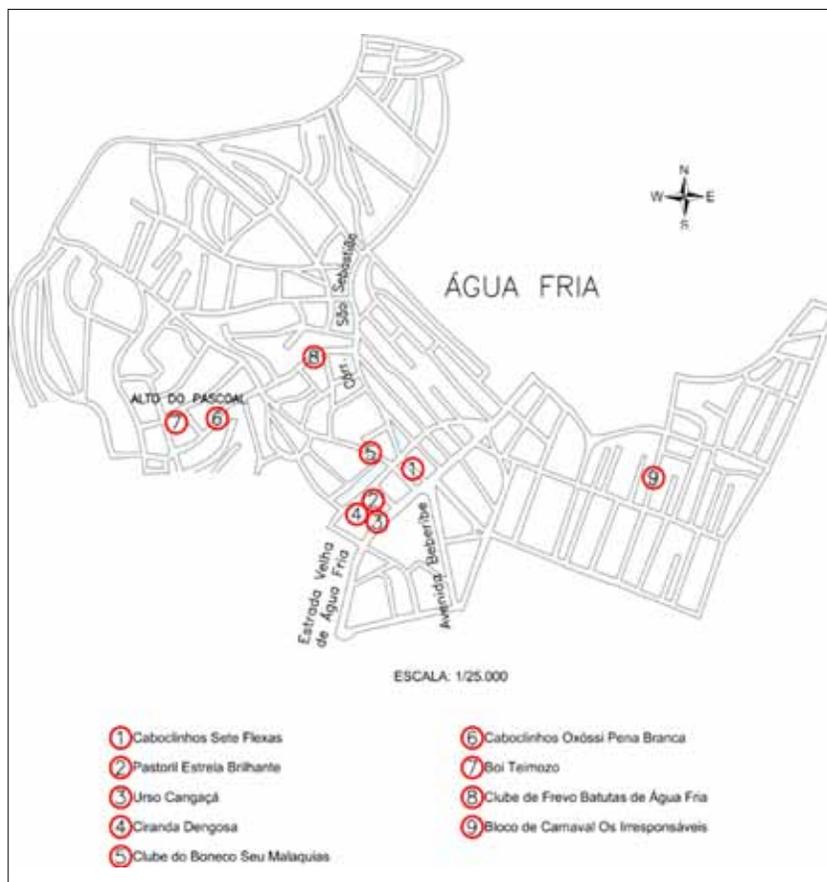


Figura 07: Localização das Agremiações Carnavalescas de Água Fria (2010)

Fonte: Unibase/1997

Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho

O conjunto desses aspectos possibilitou aos grupos sua permanência no interior do bairro, malgrado às novas tendências advindas da cultura do consumo que tendem a vilipendiar e doravante extinguir a espessura e os significados da cultura popular. Haja vista, a atração social exercida por alguns blocos carnavalescos típicos da cultura de massa, como Os Irresponsáveis, que atraindo todos os anos uma verdadeira multidão às ruas do Arruda e Água Fria, já tornado uma referência nas quartas-feiras de cinzas da folia pernambucana. Esse exemplo, associado a outros, constitui-se um aspecto da identidade do bairro, sobretudo quando observado à luz do seu âmago. Ponto convergente de antigos e novos enredos que enaltecem a consagração da festa no interior do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme ressaltado anteriormente, as relações sociais baseadas nos laços de parentesco, vizinhança e compadrio das agremiações de cultura popular, permite perceber no âmbito de Água Fria, certa personalidade nos contatos travados entre as pessoas, o que acaba também por denotar um sentimento coletivo de pertencimento ao lugar. Assim, durante os ensaios e desfiles das agremiações, pode-se constatar o ritmo da vivência local, com os contatos corriqueiros entre os moradores centrados nos aspectos comuns da vida do bairro (a conversa na calçada, o encontro e a conversa diária nas sedes dos caboclinhos, ursos e pastoris, a intimidade social entre os vizinhos, a brincadeira e a festa entre as crianças, etc.)

Nesse sentido, parafraseando Souza (1989), a sobrevivência do bairro como algo mais que um referencial vazio, em que pesem as dificuldades e a diluição de sua vida, se deve, em grande parte, a esses contatos estabelecidos cotidianamente e que se encontram investidos de forte identidade. Outrossim, essa identidade apresenta-se associada à uma simpatia, que se realiza como afeição pelo bairro, apego ao lugar, o qual Souza (1989) chama de *bairrofilia*.

A partir deste sentimento de pertencimento é que se apreende a alma do lugar. E, por conseguinte, sua identidade marcada por uma miscelânea de ações e de objetos construídos historicamente ao longo da evolução do bairro. Nessa perspectiva, conforme mostra Tuan (1985), a identidade do lugar se constitui através de suas características físicas, históricas e de como as pessoas fazem uso do passado para promover uma consciência própria acerca dos lugares. Os lugares são, portanto, suas construções, os enredos que

os moldaram e a biografia de seus habitantes, os verdadeiros personagens desta trama do bairro. Aqui, compreendida como a trama das agremiações populares (bois, ursos, caboclinhos, cirandas, etc.), comumente vinculadas à cultura do carnaval pernambucano.

IN THE RHYTHM OF THE CHORDS AND ARROWS... THE POPULAR CULTURE EXALTING THE CARNIVAL OF THE NEIGHBORHOOD OF ÁGUA FRIA IN THE CITY OF RECIFE

Abstract: Understanding of place in human geography as the portion of the area marked by the intimacy of the individual to the place of experience, and the neighborhood as a social reality of high magnitude which is based on the actual content of existence, this paper seeks to reveal the bonding individual's the place. Focusing on analysis of the residents of Agua Fria (Recife-PE) in the context of their associations in popular culture that emphasize the unity within a story of identity, marked by mutual engagement between people in symptomatic topophilia ties of kinship, neighborhood and cronyism.

Keywords: Place; neighborhood; Agua Fria; identity; humanistic geography.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rita de Cássia B. de. *Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Edusp, 1987.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARNEIRO, Edison. *Folgedos tradicionais*. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.
- CAVALCANTI, Pedro. *As seitas africanas do Recife. Estudos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Editorial Ariel, 1935.
- COSTA, Valéria Gomes. *É do dendê! História e memórias urbanas da Nação Xambá no Recife (1950-1992)*. São Paulo: Annablume, 2009.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. *Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade: o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos*. Rio de Janeiro, 2000. 224f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- PONTUAL, Virginia. *Uma cidade e dois prefeitos – narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950*. Recife: Editora Universitária, 2001.
- REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. Recife: FUNDAJ, 1990.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço – técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2004.

SILVA, R. C. N. da. *As singularidades do bairro na realização da cidade* – um estudo sobre as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre na cidade de João Pessoa – PB. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, V. 51, n. 2, p. 139-172, abr./jun. 1989.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, p. 143-164, 1985.

Entrevistas

Dona Zuleide Alves, Presidente do Caboclinho Oxóssi Pena Branca e moradora de Água Fria há 30 anos. Entrevista concedida em 03 de maio de 2009.

Seu Severino dos Santos, Presidente do Caboclinho Sete Flechas e morador de Água Fria há 39 anos. Entrevista concedida em 05 de junho de 2010.

Seu Paulo Sérgio dos Santos, Cacique do Caboclinho Sete Flechas e morador de Água Fria há 38 anos. Entrevista concedida em 05 de junho de 2010.

Dona Marina Ferreira, Presidente do Boi Teimozo e moradora de Água Fria há 57 anos. Entrevista concedida em 03 de maio de 2009.

Dona Cristina Andrade, Presidente do Pastoril Estrela Brilhante, Urso Cangaçá, e Círculo da Dengoça. Moradora de Água Fria há 55 anos. Entrevista concedida em 06 de junho de 2010.

Sobre o autor

BRUNO MAIA HALLEY, Bacharel em Geografia pela UFPE (2005). Mestre em Geografia pela UFPE (2010). Doutorando em Geografia pela UFF (2012). Lecionou como Professor Temporário na UFRPE (2011/2012). Atualmente é professor temporário na UFF/Campos. É pesquisador associado do Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política da UFPE.

Recebido para avaliação em 12 de junho de 2012

Aceito para publicação em 30 de junho de 2012